

ENTRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) E A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA: AÇÕES COLABORATIVAS PARA A INCLUSÃO DE UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

BETWEEN SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICE (SEA) AND FAMILY PARTICIPATION: COLLABORATIVE ACTIONS TO INCLUDE A STUDENT WITH MULTIPLE DISABILITIES

Angelika de A. Jales ¹

Evanilson Gurgel de Carvalho Filho ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral evidenciar a trajetória de uma estudante com deficiência múltipla de uma escola da rede pública de ensino do município de São Rafael/RN e refletir acerca da importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE), assim como da participação ativa da família para o desenvolvimento e a inclusão da pessoa com deficiência. O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa foi o estudo de caso com abordagem qualitativa e o instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada e aberta com a professora do AEE que trabalha na sala multifuncional da referida escola, além da História de Vida (HV) da mãe da estudante sobre o seu desenvolvimento educacional, social e familiar. Os resultados mostraram que o atendimento especializado ofertado na sala multifuncional contribuiu para o avanço da garota, assim como a participação ativa da mãe atípica foi significativo para o seu desenvolvimento e inclusão social.

Palavras-chave: Deficiência múltipla. AEE. Família.

¹ Pós-graduanda em Atendimento Educacional Especializado pela UFERSA (2024). Licenciada em Química pelo IFRN (2017). E-mail: angelika.jales@alunos.ufersa.edu.br.

² Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semiárido – Campus Multidisciplinar Angicos. Doutor em Educação pela UFBA (2022). Mestre em Educação pela UFRN (2018). Licenciado em Ciências Biológicas pela UFRN (2014). Licenciado em Pedagogia pela Uninter (2021). Email: evanilson.gurgel@ufersa.edu.br.

ABSTRACT

The general objective of this article is to highlight the trajectory of a student with multiple disabilities from a public school in the city of São Rafael/RN and to reflect on the importance of Specialized Educational Assistance (AEE), as well as the active participation of family for the development and inclusion of people with disabilities. The methodological procedure adopted in this research was a case study with a qualitative approach and the research instrument used was a semi-structured and open interview with the AEE teacher who works in the multifunctional room of that school, in addition to the mother's Life History (HV). of the student about their educational, social and family development. The results showed that the specialized care offered in the multifunctional room contributed to the girl's advancement, just as the active participation of the atypical mother was significant for her development and social inclusion.

Key words: Multiple disabilities. AEE. Family.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu a partir de uma inquietação: afinal, quais seriam as maiores dificuldades e potencialidades dos estudantes com deficiência múltipla no contexto educacional, social e familiar e como o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a participação ativa da família podem contribuir para o desenvolvimento desses educandos? Diante disso, a temática em questão aponta para uma discussão sobre a importância da família na vida da pessoa com deficiência múltipla para que ela tenha uma melhor qualidade de vida e possa desenvolver suas competências dentro de suas particularidades e ser incluída na sociedade, como também evidenciar que o AEE e a Tecnologia Assistiva (TA) podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da pessoa atípica.

Diante disso, para responder aos questionamentos levantados inicialmente, o presente trabalho tem como objetivo geral evidenciar a trajetória de uma estudante com deficiência múltipla de uma escola da rede pública de ensino do município de São Rafael/RN e refletir acerca da importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE), assim como da participação ativa da família para o desenvolvimento da pessoa com deficiência. Por conseguinte, para melhor desenvolver este estudo, foram traçados os objetivos específicos: i) compreender como se deu o desenvolvimento educacional e social da aluna, desde que foi

diagnosticada até os dias atuais; ii) identificar as maiores dificuldades e potencialidades da estudante em seu contexto escolar, familiar e social; iii) refletir sobre a importância da família como parceira no processo educacional da pessoa com deficiência e iv) discutir sobre os recursos de tecnologia assistiva utilizados pela aluna na sala multifuncional da escola e a contribuição do Atendimento Educacional Especializado para o seu desenvolvimento.

Dessa forma, o referido trabalho é constituído por cinco tópicos, sendo eles: introdução; referencial teórico, o qual está dividido em dois subtópicos para o enquadramento teórico da pesquisa; metodologia; resultado e discussões, no qual, está dividido em dois subtópicos, e, por fim, encontram-se as considerações finais sobre o estudo de caso realizado, respondendo a problemática a partir dos resultados obtidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Dias (2015), a educação das pessoas com deficiência foi marcada por muitas lutas e estigmas ao longo dos anos. As pessoas que possuíam algum tipo de deficiência eram vistas de forma negativa, no qual, muitas vezes, eram reprimidas e subjugadas. Mazzota (1999) destaca que até o final do século XVIII, as pessoas que tinham algum tipo de deficiência eram associadas, por exemplo, a causas espirituais ou sobrenaturais. Além disso, Lopes (2015, p. 13) afirma que “durante a Idade Média, qualquer tipo de manifestação, produção escrita de caráter científico ou artístico-cultural passaria pelo que conhecemos hoje como Tribunal da Santa Inquisição”. Além da submissão dessas manifestações, aconteceu, também, “o rechaço de dezenas de pessoas com deficiência, sendo condenadas à força ou à fogueira como métodos de limpeza social – ou o que acreditavam ser ação do demônio” (Lopes, 2015, p. 13).

Contudo, hoje, embora ainda exista o preconceito e a exclusão, as pessoas com deficiência vivem a chamada “fase da inclusão social”, em que, muitas delas conseguem desempenhar papéis significativos na sociedade. Vale destacar que, segundo Dias (2015, p.14) “a sociedade atravessou diversas fases referentes às práticas sociais relacionadas às pessoas com deficiência. Dentre elas, destacam-se: a exclusão social, o atendimento segregado, a integração social, e, finalmente, a inclusão social”.

Nessa perspectiva, como nos argumenta Pacheco e Alves (2007, p. 5), “a inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir as pessoas com deficiência em seus sistemas, ao mesmo tempo que estas preparam-se para assumir seus papéis na sociedade”. Nesse sentido, a inclusão não tem o intuito de abnegar as diferenças existentes e sim, evocar o

princípio da igualdade, onde a pessoa com deficiência também pode participar ativamente da comunidade em que está inserida. Ademais, é importante salientar, conforme argumenta Mazzotta (1999), que no Brasil o cuidado com a educação das pessoas atípicas só começou no século XIX, devido interferência das experiências concretizadas na Europa e EUA. Contudo, apenas no final da década de 1950 aconteceu a inclusão da educação para pessoas com deficiências na política educacional brasileira.

Assim sendo, essa fundamentação se subdividirá em dois tópicos: “deficiência múltipla” e “importância da família, do AEE e das ações colaborativas na vida do estudante com deficiência” em que, o embasamento teórico foi feito a partir da Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 1994; 2000); do documento intitulado “Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem – deficiência múltipla” de uma coleção do MEC (2006); dos autores Carvalho (2002); Lopes (2015); Santos e Oliveira (2015); Damiani (2009) e os artigos 2º e 9º da Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009, que tratam sobre o AEE.

2.1 Deficiência múltipla

Inicialmente, ao ouvir a expressão “deficiência múltipla”, logo vem ao pensamento tratar-se de uma pessoa com mais de uma deficiência, no qual, ela pode ser de natureza congênita ou adquirida. A esse respeito, esta ponderação encontra-se correta, onde logo entende-se que dependendo do nível de comprometimento da pessoa com deficiência, ela precisará de várias adaptações ao seu redor e, também, da parceria de todos que convivem direta ou indiretamente com ela. Carvalho (2002, p. 2) frisa que a deficiência múltipla se apresenta como obstáculo para a aprendizagem escolar e, por esse motivo, exige desse ambiente, a presença de uma equipe multiprofissional para que se ponha em prática uma educação especial efetivamente inclusiva, como orienta os documentos oficiais brasileiros.

Ademais, a deficiência múltipla, na Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 1994, p.15) é estabelecida como: “associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (mental/visual/auditivo/física), com comprometimentos que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa”. Outra conceituação que também pode ser destacada está presente no documento intitulado “Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem – deficiência múltipla”, de uma coleção do MEC acerca de temas específicos sobre o atendimento às necessidades

educacionais especiais das crianças, do nascimento aos seis anos de idade. Neste documento consta que:

O termo deficiência múltipla tem sido utilizado, com frequência, para caracterizar o conjunto de duas ou mais deficiências associadas, de ordem física, sensorial, mental, emocional ou de comportamento social. No entanto, não é o somatório dessas alterações que caracterizam a múltipla deficiência, mas sim o nível de desenvolvimento, as possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas. (Brasil, 2006, p.11)

Além disso, agregam-se outros elementos para a conceituação de deficiência múltipla: a ocorrência de somente uma deficiência, do qual a proporção possa provocar sequelas em outras áreas. Uma criança com deficiência no desenvolvimento da tireoide, por exemplo, se não obter tratamento apropriado, pode vir a ser afetada no desenvolvimento intelectual, de comunicação, dentre outras áreas (Brasil, 2000). Ou seja, o subsídio que diferencia esta definição das demais definições é o aumento de novos elementos, ao qual uma só deficiência inicial pode vir a provocar outras deficiências que, não obstante vistas como secundárias, definem-se como múltipla deficiência (Lopes, 2015). Destarte, aqui pode-se fazer comparação com o filme “O menino selvagem de Aveyron”, em que retrata a história de uma criança que ao ser privada do convívio humano, ou seja, passado vários anos em isolamento social, não consegue desenvolver características consideradas propriamente humanas e, conseqüentemente, aparentava ter várias deficiências.

Vale salientar que existem outras situações ambientais que também podem ser causadoras de múltipla deficiência, como por exemplo, acidentes e tumores. Também é importante destacar que as infecções virais como rubéola ou infecções sexualmente transmissíveis (IST), se não forem devidamente tratadas, também podem causar a múltipla deficiência em adultos (Lopes, 2015).

2.2 Importância da família, do AEE e das ações colaborativas na vida do estudante com deficiência

Todos nós encontramos diversas barreiras ao longo da vida. Para superá-las, muitas das vezes, é necessário o auxílio de outras pessoas. Nessa perspectiva, a pessoa atípica encontra ainda mais barreiras no seu dia a dia e, conseqüentemente, precisará ainda mais de auxílios. Logo, é necessário que ela encontre apoio em âmbito familiar, educacional, político e social no

seu cotidiano, com o intuito de contribuir para o seu desenvolvimento, independência pessoal e participação social.

Diante disso, é pertinente destacar a importância da família na vida da pessoa com deficiência, desde a sua aceitação do diagnóstico, como também em proporcionar acompanhamentos e rede de apoio com profissionais capacitados. Ao refletir sobre a família, Santos e Oliveira (2015, p. 3) afirmam que

a família é o primeiro grupo social ao qual o ser humano se integra. Assim sendo, representa um papel importante e crucial no desenvolvimento da personalidade, comportamento e forma de agir do indivíduo. Pois, é por intermédio das relações familiares que a criança moldará seus valores, sua concepção de mundo e sua autoimagem.

Desse modo, a companhia e a participação ativa da família são primordiais para o desenvolvimento e avanço da pessoa com deficiência, sobretudo se esta for criança. Ademais, são os pais que conhecem profundamente os filhos e por esta razão, devem ser atuantes no processo terapêutico, por exemplo. Nesse contexto, Santos e Oliveira (2015, p. 6) também frisam que, “nos dias atuais, o papel da família é visto como um fator determinante para que aconteça, ou não, o processo de inclusão. Não valorizar a importância da dinâmica familiar pode comprometer, via de regra, a inserção do deficiente”.

Por conseguinte, em relação ao AEE, de acordo com o artigo 2º da Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009, esse atendimento tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem (Brasil, 2009). Logo, se houver uma articulação colaborativa entre o professor de sala de aula regular, o professor especializado e a família, essa colaboração torna-se uma ponte, fazendo com que os estudantes avancem no processo de aprendizagem e inclusão social. Ademais, é pertinente destacar que, quando a pessoa com deficiência é inserida, uma rede de inclusões ocorre ao seu redor: “é a família que não se isola e não toma exclusivamente a responsabilidade para si, é a escola que se abre para novas discussões, é a lição que fica para cada um de nós” (Santos e Oliveira 2015, p. 11).

Nesse sentido, o ato de ensinar e educar sendo abordado de forma colaborativa pode ajudar na garantia de que a pessoa com deficiência receba o suporte necessário para desenvolver seu pleno potencial escolar e social, possibilitando que seu processo de aprendizagem e inclusão sejam ampliados. Além disso, o apoio da equipe multidisciplinar, também é indispensável.

Para Damiani (2009), a prática colaborativa pode mudar radicalmente a natureza do pensamento do professor e pode promover inovações. Nesse sentido, acredita-se que a colaboração é a essência para o trabalho educacional na realidade da escola. No artigo 9º da Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009, diz que a elaboração e execução do plano de AEE são de competência dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, entre outras participações (Brasil, 2009).

3 METODOLOGIA

De acordo com Minayo (2001) a metodologia parte de um caminho que deve ser trilhado para abordar a realidade, possibilitando atingir os objetivos da pesquisa. Abrange outros elementos da pesquisa, como o método científico e as técnicas usadas pelo pesquisador. Salienta-se que a metodologia excede as técnicas utilizadas, articulando, também, as bases teóricas, a leitura da realidade realizada pelo pesquisador e seu próprio olhar sobre as questões postas nesta realidade.

Diante disso, a presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa. Já em relação aos procedimentos, foi realizado um estudo de caso. Segundo Vianna (2013), o estudo de caso consiste em coletar e examinar informações sobre determinado indivíduo, um grupo ou comunidade, com o intuito de estudar aspectos variados que sejam objeto da pesquisa.

Por conseguinte, o instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada e aberta, como também, a história de vida. Consoante Boni e Quaresma (2005), esse tipo de entrevista tem como benefício a flexibilidade de duração, no qual, permite uma cobertura mais profunda e respostas mais espontâneas, sendo possível investigar aspectos valorativos e afetivos que determinam significados pessoais das atitudes e comportamentos humanos. Já em relação a história de vida (HV), as autoras apontam que o ponto principal é consentir que o informante resgate experiências anteriormente vividas, no qual, muitas vezes, no decorrer da entrevista, pode acontecer a liberação de algumas memórias retraídas. Essas exposições fornecem um conteúdo bastante rico para análise. Ainda sobre o método de história de vida, de acordo com Nogueira *et al.* (2017, p. 3)

Em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e

discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa.

Nessa perspectiva, com intuito de manter o anonimato, foram criados pseudônimos para cada uma das participantes desta pesquisa, sendo Ana para a estudante, Vitória para a sua mãe e Maria para a professora do AEE. Além disso, é importante destacar que Ana estuda atualmente no 5º ano do Ensino Fundamental I, embora a sua faixa etária seja de aluna da educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ademais, a pesquisa foi viabilizada através da HV com a mãe de Ana no dia 28/06/2024 e da entrevista semiestruturada e aberta no dia 18/07/2024 com a professora da sala multifuncional da escola em que ela estuda no município de São Rafael/RN, bem como observações diretas de alguns dos trabalhos desenvolvidos por ela durante todo o ano letivo de 2023. As perguntas feitas durante a entrevista e a HV foram elaboradas a partir dos objetivos específicos deste trabalho e estão expostas nos quadros a seguir.

- 1- Quais os recursos de Tecnologia Assistiva utilizados por Ana na sala multifuncional no ano letivo de 2023?
- 2- Quais as contribuições do AEE para o desenvolvimento de Ana durante todo o ano letivo de 2023?
- 3- Quais as maiores dificuldades e potencialidades de Ana no contexto educacional e social?
- 4- Qual a importância da família no processo educacional da pessoa com deficiência?
- 5- Qual a importância da mãe de Ana para o seu desenvolvimento e inclusão social?

Quadro 1: Questionário da entrevista semiestruturada com a professora do AEE.
Fonte: Autoria própria, 2024.

- 1- Como se deu o desenvolvimento educacional, social e familiar de Ana desde que ela foi diagnosticada até os dias atuais?
- 2- Quais as maiores dificuldades e potencialidades de Ana no contexto escolar, familiar e social?
- 3- Quais foram as lutas e conquistas que você enfrentou por ser mãe de uma menina com deficiência múltipla?

Quadro 2: Questionário usado para embasar a narração da História de Vida de Vitória sobre o desenvolvimento educacional, social e familiar de Ana.
Fonte: Autoria própria, 2024

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

Para um melhor entendimento, os resultados estão divididos em dois subtópicos, onde o 4.1 encontra-se a narração da História de Vida de Vitória sobre o desenvolvimento educacional, social e familiar de Ana desde que ela foi diagnosticada até os dias atuais e o 4.2 consta a entrevista semiestrutura e aberta com a professora do AEE sobre os recursos de tecnologia assistiva utilizados pela aluna na sala multifuncional da escola e a contribuição do atendimento educacional especializado para o seu desenvolvimento.

4.1 Desenvolvimento educacional, social e familiar da aluna desde que foi diagnosticada até os dias atuais

Para evidenciar como se deu o desenvolvimento de Ana desde que ela foi diagnosticada até os dias atuais, Vitória explicou que todo o pré-natal se realizou corretamente e todos os cuidados necessários e disponíveis para àquela época, foram recebidos durante toda a gestação, no entanto, não foi constatada nenhuma anomalia no bebê. Somente aos 6 meses, Ana foi realmente diagnosticada com microcefalia e deficiência intelectual através de uma tomografia e uma ressonância. Após ser diagnosticada, mais ou menos com um ano de idade, Ana começou a fazer terapias. Nesse contexto, destaca-se a importância da participação ativa da família para o diagnóstico e a intervenção precoce na vida da criança, pois ações pautadas na Intervenção Precoce (IP), propiciam a crianças com deficiências múltiplas, por exemplo, um ambiente fomentador para o convívio e o desenvolvimento de aprendizagens. Segundo Carvalho (2002, p. 33),

a IP é a melhor maneira de apoiar o desenvolvimento e o bem-estar de crianças com deficiência, com TEA, atraso no desenvolvimento ou outras necessidades educacionais adicionais. Pode ajudá-las a desenvolver habilidades que necessitam nas atividades diárias, tanto em âmbito familiar quanto educacional.

Diante disso, em relação ao contexto educacional da garota, Vitória respondeu que os estudos de Ana iniciaram normalmente, regular com a faixa etária das crianças típicas. Porém, seu desenvolvimento era bem mais lento do que o dos demais alunos devido as suas particularidades. Destarte, apesar de Ana apresentar laudo médico constatando a necessidade de um professor auxiliar, até o 4º ano do ensino fundamental cursado no município de Angicos/RN, ela não contou com esse apoio, sendo disponibilizado somente na cidade de São Rafael/RN, no ano letivo de 2023, depois de muita luta junto a secretaria de educação do município, foi que Ana conseguiu ter direito a uma professora auxiliar e a retomar os estudos

no 4º ano do ensino fundamental, pois pela faixa etária, ela não poderia mais cursar o Ensino Fundamental I e sim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Entretanto, Ana não se adaptou ao convívio com pessoas adultas em uma sala de aula. Vitória ressalta ainda que quando estava cursando o 4º ano no município de Angicos/RN, Ana começou a apresentar muita resistência para frequentar a escola, passando assim, vários anos longe do ambiente escolar, por esse motivo, sua faixa etária já é de alunos da EJA. Diante disso, acredita-se que esses foram alguns dos fatores que fizeram com que Ana não conseguisse ser alfabetizada. No entanto, ela conseguiu aprender todas as cores, alguns números e algumas letras. Salienta-se, também, apesar dela estar fora da sala de aula da escola regular, ela continuou frequentando a sala do AEE ofertada pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Angicos/RN.

Ademais, a respeito de Ana ter ficado fora do ambiente escolar por alguns anos, Sonaglio (2018, p. 4) nos diz que “é inviável desconsiderar a relevância da escola enquanto mecanismo do Estado que, nesse aspecto, é compreendido como um instrumento na difusão da inclusão social de pessoas com necessidades especiais”. No entanto, olhando pelo viés de Ana pelo menos ter continuado frequentando regularmente a sala multifuncional ofertada pela APAE, mostra que ela não se privou do contato social com a comunidade e não deixou de utilizar recursos para desenvolver suas habilidades. Além disso, ainda segundo Sonaglio (2018), a Sala de Recurso Multifuncionais favorece um contexto inclusivo à medida em que orienta a comunidade a valorizar as diferenças e constitui-se em uma satisfatória estratégia educacional.

Já quando questionada sobre o contexto social e familiar de Ana, Vitória relatou que ela sempre teve um convívio normal com os seus familiares. Cresceu ao lado dela, do seu esposo e do seu filho mais velho. Porém, depois que ela se separou do seu marido, Ana começou a apresentar um quadro de alucinações/esquizofrenia. Então, desde os 22/23 anos, Ana começou a visualizar e ouvir vozes. Logo, quando ela está nessas crises, apresenta um comportamento agressivo. Porém, algumas crises são rápidas, questão de minutos. Ademais, Ana sempre brincou com outras crianças, contudo, o contato era por pouco tempo. Hoje em dia está bem melhor.

Sobre as dificuldades e potencialidades de Ana, Vitória explicou que desde pequena Ana gostava muito de andar de bicicleta nas ruas e praças ouvindo músicas utilizando fones de ouvido, no entanto, depois das crises de alucinações, já não consegue mais ouvir suas músicas,

passeando em sua bicicleta, como antigamente. Além disso, Vitória lembra que, quando morava em Angicos/RN, Ana tinha um grande potencial em pedalar, chegando a ser convidada a participar de uma maratona com a tocha olímpica, andando em sua bicicleta, mas, hoje em dia, não tem mais essa habilidade. Outrossim, mesmo Ana sendo uma garota com deficiências múltiplas, sempre teve a oportunidade de frequentar muito os parques de diversões, circos e shows de seu ídolo, assim como também participar do esporte de capoeira, por exemplo. Diante disso, é inegável a importância da família e o papel fundamental que ela exerceu e exerce em relação ao desenvolvimento e inclusão de Ana na sociedade. A esse respeito, Santos e Oliveira (2015, p. 10) afirmam que

quanto mais integrada em sua família uma pessoa com deficiência for, mais esta família vai tender a tratá-la de maneira natural ou “normal”, deixando que, na medida de suas possibilidades, participe e usufrua dos recursos e serviços gerais da sua comunidade; consequentemente, mais integrada na vida social esta pessoa será. Assim sendo, quanto mais ela estiver participando das atividades da comunidade e levando uma vida “normal” semelhante à de outras pessoas da sua faixa etária, mais ela será vista pela sua família como “igual aos demais”, apesar de suas necessidades e peculiaridades especiais e, logo, mais aceita e integrada em sua família ela estará.

Além disso, Vitória frisou que sempre foi ativa na luta pelos direitos de sua filha Ana, assim como o direito de todas as outras crianças com deficiências. Inclusive, ela foi uma das principais fundadoras da APAE de Angicos/RN e da APAE de São Rafael/RN. Ela e sua filha participaram diversas vezes de congressos, reuniões, palestras e entrevistas em rádio falando sobre a inclusão da pessoa com deficiência.

4.2 Recursos de tecnologia assistiva utilizados pela aluna na sala multifuncional da escola e a contribuição do atendimento educacional especializado para o seu desenvolvimento

De acordo com a Lei 13.146 de julho de 2015 que trata sobre a Lei Brasileira de Inclusão, a Tecnologia Assistiva (TA) é estabelecida como “produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que tenham como objetivo promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”. Lembrando que essas práticas têm que objetivar a autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social da pessoa com deficiência (Brasil, 2015).

Diante disso, ao questionar Maria, professora da sala multifuncional da escola em que Ana estuda, sobre quais os recursos de Tecnologia Assistiva utilizados por ela no ano letivo de 2023, ela respondeu que o lúdico e a tecnologia assistiva como recursos de aprendizagens utilizados nos atendimentos educacionais foram variados, cada um com o seu objetivo específico, por exemplo, o teclado adaptado que posiciona o dedo exatamente no caractere a

ser utilizado para só posteriormente fazer uso dos recursos tecnológicos no computador. Esta prática por sua vez, tinha o objetivo de estimular a habilidade motora e cognitiva da estudante, fazendo com que ela tivesse maior interesse em permanecer mais tempo sentada e obedecendo regras e/ou comandos. Outro recurso utilizado ainda no computador foi o fone de ouvido de tecnologia avançada que proporcionava a pronúncia e escuta de palavras, estimulando a sua linguagem. Caixa sensorial, caixa de números para associar o número a quantidade, caixa de formas geométricas, o Tangram, para trabalhar as cores e quantidades, lupas, atividade sequenciada, jogo da memória, dominó tátil, material dourado, entre outros, foram os recursos utilizados por ela durante o ano letivo de 2023. A esse respeito, Matos (2010, p. 17) afirma que

a utilização das Tecnologias Assistivas (TA's) para o "apoderamento" do aluno com necessidades educacionais especiais, possibilitando ou acelerando o seu processo de aprendizado, desenvolvimento e inclusão social é uma maneira concreta de neutralizar as barreiras causadas pela deficiência e inserir esse indivíduo nos ambientes ricos para a aprendizagem.

Por conseguinte, ao ser questionada sobre qual a importância da família no processo educacional de Ana, Maria explicou que a presença e a participação assídua da família foram muito importantes para o desenvolvimento dela, assim como a colaboração da professora auxiliar em suas tarefas em sala de aula foram primordiais para o seu avanço. Ademais, Maria também respondeu sobre as contribuições do Atendimento Educacional Especializado oferecido na sala multifuncional, relatando que ele foi fundamental para o desenvolvimento de Ana, pois os recursos foram pensados de forma individualizada, buscando atender suas próprias necessidades e eliminando suas barreiras, para assim desenvolver suas habilidades educacionais. Sobre esses recursos que foram pensados levando em consideração exatamente o processo de Ana, Santos e Oliveira (2015) nos diz que para ocorrer a aprendizagem e, consequentemente, desenvolvimento, é preciso que ocorra exatamente essa mediação que Maria fez, levando em conta o processo de Ana, sabendo que aprendizado não compreende somente cognição, mas outras perspectivas, como por exemplo, a motivação, as habilidades, entre outros.

Destarte, com relação as dificuldades e potencialidades de Ana, Maria relatou todos os pontos levando em consideração o que estava descrito no seu Plano Educacional Individualizado (PEI) ou Plano de AEE como também é chamado, para o ano letivo de 2023 que foi planejado exatamente de acordo com as necessidades individuais e específicas de Ana. Sobre esse plano, Glat, Vianna e Redig (2012) afirmam que existem diversas formas e estruturas para ele, contudo, no geral, o plano deve englobar informações básicas sobre o aluno, como por

exemplo, nome, aprendizagens já consolidadas, dificuldades encontradas, objetivos para este aluno, entre outras informações. Além disso, Glat, Vianna e Redig (2012, p. 84) diz que o plano

[...] trata-se de um planejamento individualizado, periodicamente avaliado e revisado, que considera o aluno em seu nível atual de habilidades, conhecimentos e desenvolvimento, idade cronológica, nível de escolarização já alcançado e objetivos educacionais desejados a curto, médio e longo prazos. (GLAT, VIANNA, REDIG, 2012, p. 84)

Nesse sentido, percebe-se que o PEI é um mecanismo utilizado por Maria com o intuito de facilitar a aprendizagem e desenvolvimento de Ana e que ele desempenha um papel importante para a eficácia do processo de ensino e aprendizagem da estudante, além de servir para Maria avaliar o desenvolvimento de sua aluna.

Além disso, um ponto destacado por Maria, sobre quais seriam as maiores dificuldades e potencialidades de Ana, foi em relação as habilidades sociais e de pré-requisito da estudante, no qual, inicialmente foi observada bastante dificuldade, por exemplo, em permanecer muito tempo sentada e de seguir regras. Entretanto, no decorrer do ano, ela conseguiu avançar muito nesse aspecto. Diante disso, destaca-se um ponto positivo que muito colaborou para o desenvolvimento desta habilidade que foi a convivência em sala de aula. Já em relação a habilidade motora, a educanda também apresentava muita dificuldade, por exemplo, para contornar, cortar círculos e cortar quadrados. Contudo, no decorrer dos atendimentos na sala do AEE, essa habilidade foi aperfeiçoada. Ademais, foi frisado que a maior dificuldade/barreira apresentada por ela foi na área cognitiva e sua maior potencialidade era conseguir aprender com muita facilidade toda a letra das músicas do seu ídolo, Luan Santana. Sobre essas atividades específicas desenvolvidas durante os atendimentos educacionais ofertados na sala multifuncional, Matos (2010, p. 18) faz uma ressalva muito pertinente

esse atendimento não pode ser confundido com reforço escolar ou mera repetição dos conteúdos programáticos desenvolvidos na sala de aula, mas devem constituir um conjunto de procedimentos específicos mediadores do processo de apropriação e produção de conhecimentos.

Sendo assim, pode-se dizer que esse conjunto de procedimentos específicos que foram desenvolvidos na sala do AEE foram significativos para que Ana conseguisse avançar no seu processo de aprendizagem, aperfeiçoando suas habilidades e amenizando as dificuldades educacionais encontradas em seu meio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a trajetória de vida dessa estudante mostrou como é importante a participação ativa da família na vida da pessoa com deficiência, nesse caso em específico, da mãe atípica,

tanto para o diagnóstico e intervenção precoce, como também, para lutar para que Ana, de fato, seja incluída na sociedade e tenha seus direitos garantidos, como por exemplo, frequentar a sala de aula de uma escola da rede regular de ensino e conviver com os demais estudantes sem ser excluída de seu meio.

Em suma, através da história de vida de Vitória sobre o desenvolvimento educacional, social e familiar de Ana e da entrevista com a professora do AEE, pôde-se compreender como se deu o desenvolvimento de Ana desde que ela foi diagnosticada até os dias atuais e identificar algumas de suas dificuldades e potencialidades no contexto escolar, familiar e social, como também, refletir sobre a importância da parceria assídua da família no processo educacional da pessoa atípica e a contribuição do Atendimento Educacional Especializado para o seu desenvolvimento.

Destarte, destaca-se, também, que mediante ao estudo de caso realizado, pôde-se conhecer algumas das lutas e conquistas enfrentadas por uma pessoa com deficiência múltipla, assim como de uma mãe atípica, que não desiste de lutar não somente pelos direitos e inclusão de sua filha, mas por todas as pessoas com deficiências, como foi no caso da colaboração para a fundação da APAE de Angicos/RN e de São Rafael/RN.

6 REFERÊNCIAS

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar, como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1 (3), p.68-80, jan-jul. 2005. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 08 jun. 2024.

Brasil. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**: livro 1/MEC/SEESP- Brasília: a Secretaria, 1994.

CARVALHO, E. L. G. **Guia Propositivo de Intervenção Precoce para os Pais: O uso de atividades lúdicas para o desenvolvimento de crianças com deficiências múltiplas**. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, na especialidade de Domínio Cognitivo e Motor, apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra. Coimbra, p. 141. 2022.

DAMIANI, M. F.; PORTO, T. M. E.; SCHLEMMER, E. (org). **Trabalho colaborativo/cooperativo em educação**: uma possibilidade para ensinar e aprender. São Leopoldo, RS: Oikos; Brasília, DF: Liber Livro, 2009.

DIAS, E. M. **Deficiência visual e o Atendimento educacional especializado**. - Mossoró, 2015.

GLAT, R.; VIANNA, M. M.; REDIG, A. G. Plano Educacional Individualizado: uma estratégia a ser construída no processo de formação docente. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, RJ, EDUR, v. 34, n. 12, p. 79-100, 2012.

LOPES, V. L. F. **Deficiência múltipla e o atendimento educacional especializado** / Maria Vera Lúcia Fernandes Lopes, Michael Magnos Chaves de Oliveira. - Mossoró, 2015. 64 p.

MATOS, J. M. O. **Educação Especial Inclusiva e Tecnologia**: a importância dos recursos tecnológicos na escola regular e sala multifuncional: caminhos, perspectivas e desafios. Manancial Repositório digital da UFSM. Feira de Santana -BA. P. 35. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2765>>. Acesso em: 15 ago 2024.

MAZZOTTA M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. 2 ed. São Paulo: Cortez; 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio da pesquisa social**. In MINAYO, Maria Cecília S. (Org). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

NOGUEIRA, Maria *et al.* **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. vol.12 no.2 São João del-Rei: PePsic periódicos de psicologia, 2017. Disponível em: <https://normas-abnt.espm.br/index.php?title=A_partir_de_quatro_autores>. Acesso em: 13 ago 2024.

PACHECO, K. M. B.; ALVES, V. L. R. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Tendências e Reflexões**. São Paulo, v. 14, n. 4, 242 – 248, ago, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102875>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SANTOS, A. C. A.; OLIVEIRA V. M. S. A família como elemento para a inclusão social do deficiente. **Ideias & inovação**, Aracaju, V. 2, N.2, p. 47-58, mar 2015.

SONAGLIO, F. Sala de recurso multifuncional: uma resposta aos desafios da escola contemporânea. *Apae Ciência*, Brasília/DF, v.10, nº2, P. 3 – 21, abril 2020. Disponível em: <<https://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/127>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

VIANNA, C.T. **Classificação das pesquisas científicas** - Notas para os alunos. Florianópolis, 2013, 2p. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343532633_Professor_CLEVERSON_TABAJAR_A_VIANNA_Tabajaraiufscedubr_PESQUISA_E_METODOLOGIA_CIENTIFICA_CLASSIFICACAO_DAS_PESQUISAS_CIENTIFICAS_Notas_para_os_alunos_Natureza_Procedimentos_Basica>. Acesso em: 08 jun. 2024.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução Nº 4**, de 2 de outubro de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

_____. **Saberes e Práticas da Inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla**. 2. ed. rev. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2003.

_____. Ministério da Saúde. **O que é Tecnologia Assistiva**. Brasília. 2022. Disponível em:
< [Acesso em: 24 jul. 2024.](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/faq/o-que-e-tecnologia-assistiva#:~:text=Conforme%20a%20Lei%20Brasileira%20de,da%20pessoa%20com%20defici%C3%Aancia%20ou>)